



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: ST5 TRABALHO, ORGANIZAÇÕES E PROFISSÕES

VOLUNTARIADO: COMPLEMENTO ÀS ASPIRAÇÕES DO TRABALHO REMUNERADO

CUNHA, Simone C. da

Mestre em Sociologia – Especialização em Políticas Públicas e Desigualdades Sociais

Universidade Nova de Lisboa

simonecunha@gmail.com

Resumo

Na presente comunicação identificamos a prática do voluntariado como forma de complementar aspirações do trabalho remunerado, principalmente as ligadas à ajuda e à autonomia e mostramos como a realização de voluntariado varia de acordo com a área de formação académica, sendo baixa na área de "Saúde", identificada pelos profissionais com um forte cariz altruísta. O universo de análise são os licenciados no ano 2004-2005 de duas universidades públicas de Lisboa. O estudo combina dados quantitativos, com base no inquérito realizado no âmbito do projeto de investigação "Percurso de inserção dos licenciados: relações objectivas e subjectivas com o trabalho" (PTDC/CS-SOC/098459/2008), aplicado a uma amostra de 1004 indivíduos; com oito entrevistas aprofundadas sobre a relação entre o trabalho remunerado e o voluntariado. Os dados mostram alta apetência para o voluntariado entre a população, com 44% sendo ou tendo sido voluntário e 30% declarando-se interessado em sê-lo. A distribuição é desigual nas áreas científicas de formação, sendo maior em "Ciências da vida" e menor em "Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção" e "Saúde". Analisando o desequilíbrio, indicamos relações entre a atuação profissional e a apetência para o voluntariado. A menor adesão ao voluntariado na área da "Saúde" está relacionada a percepção de "dever cumprido" por meio da profissão. Em "Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção", há menor apetência a atividades ligadas ao altruísmo.

Abstract

In this communication we identify volunteering as a complement of aspirations of paid work, especially those attached to aid and autonomy. We also demonstrate how the decision to engage in volunteering varies according to academic area, being low in "Health" identified by professionals with strong altruistic nature. The universe of analysis is the graduates in the year 2004-2005 from two public universities in Lisbon. The study combines quantitative data based on the survey conducted within the research project "Paths of insertion of graduates: objective and subjective relationship with the work" (PTDC/CS-SOC/098459/2008), applied to a sample of 1004 individuals with eight in-depth interviews about the relationship between paid work and volunteering. The data show a high propensity for volunteering among the population, with 44% being or having been a volunteer and 30% claiming to be interested in doing so. The distribution is uneven in scientific training, mostly in "Life Sciences" and less on "Engineering, Manufacturing and Construction" and "Health." Analyzing the imbalance, we indicate relations between the professional performance and willingness to volunteer. Lower adherence to volunteering in the area of "Health" is related to perception of "mission accomplished" through the profession. In "Engineering, Manufacturing and Construction" there is less appetite for activities related to altruism.

Palavras-chave: voluntariado, aspirações, trabalho, mercado de trabalho

Keywords: volunteering, aspirations, paid work, volunteer work, job market

1. Introdução

Entre as principais características da definição conceitual do voluntariado estão o não recebimento de remuneração e o desempenho de uma atividade orientada para terceiros – completa o tripé o fato de ser realizada por vontade própria –, o que baliza o entendimento da atividade como desinteressada. Para manter esse cariz de desinteresse, o voluntariado é frequentemente ligado a um discurso positivo e que, quando necessário, segmenta a atividade de forma a preservar o cariz altruísta. Entendendo o altruísmo como desvinculado do recebimento de contrapartidas em troca da realização da atividade (Cunha, 2011), os voluntários apontam divisões entre o voluntariado "verdadeiro" e o "interessado", reduzindo a interferência da prática na idealização da atividade.

É nesse contexto que julgamos importante analisar as relações entre o trabalho remunerado e o voluntariado. Consideramos que o conhecimento das relações entre as duas atividades se configura em uma porta de acesso a uma percepção mais complexa do voluntariado e da centralidade da (não) remuneração e do altruísmo para sua definição. A proximidade entre as duas atividades se mostra, por exemplo, quando verificamos que profissionais da medicina são considerados "voluntários pagos" por realizarem uma atividade fortemente voltada à ajuda aos outros, ainda que de forma remunerada.

Neste trabalho, analisamos as aspirações do trabalho remunerado e verificamos como o voluntariado complementa certas expectativas do trabalho remunerado. A complementaridade entre as aspirações nas duas atividades relaciona-se à centralidade do trabalho remunerado na vida dos indivíduos, o que, segundo Loscocco e Kalleberg (1988), tem relação com os papéis sociais que se ocupa no trabalho e fora dele.

Verificaremos que o voluntariado pode ser mobilizado como forma de potenciar ou suprir a falta do cariz de ajuda da profissão, bem como pode ser uma forma de exercer a profissão com mais autonomia ou aprender mais por meio do exercício da profissão, ainda que realizada de forma não remunerada. A apetência à realização de voluntariado também pode ser reduzida quando o cariz de ajuda é bastante pronunciado no trabalho remunerado.

Centrando-nos na temática deste artigo, iremos mostrar de que forma o voluntariado se distribui entre as áreas de formação académica e como, entre elas, se configura como complemento de aspirações profissionais. Para isso, iremos usar como base os dados quantitativos e aprofundar as questões por meio de entrevistas aprofundadas, de modo a verificar de que forma o voluntariado complementa aspirações profissionais não realizadas.

2. Argumento

Identificado como meio de participação social ativa, desenvolvedor de uma identidade pessoal positiva, certificado de humanização, redutor do individualismo, fonte de aprendizagem, reconhecimento e pertencimento social, o voluntariado está envolto em um discurso positivo¹.

Por outro lado, a relação entre o voluntariado e o trabalho remunerado, também presente em instrumentos legais, parece não ser absorvida, reconhecida ou explicitada pelos voluntários no dia a dia. Os mecanismos citados promovem uma visão positiva e transversal a várias áreas da vida e identificam a atividade principalmente à solidariedade e à participação social. Ao mesmo tempo, apontam de forma clara contrapartidas diversificadas como os benefícios pessoais obtidos em função do desenvolvimento humano, a aprendizagem e o aumento da empregabilidade. Este último foi explicitamente citado como objetivo da realização do Ano Europeu do Voluntariado.

“Recompensar e reconhecer o trabalho voluntário: encorajar recebimento de incentivos adequados aos indivíduos, empresas e organizações empenhadas nas actividades de voluntariado; e garantir (...) o reconhecimento das actividades voluntárias pelos (...) sector da educação formal e não formal e os empregadores, no que diz respeito às capacidades e competências desenvolvidas através do voluntariado.”

Indicações como as referidas acima estão presentes também em trabalhos acadêmicos (por exemplo Hustinx et al., 2010), no discurso de dirigentes de organizações sociais, dos organismos acadêmicos voltados à inserção profissional e materiais de divulgação das áreas de recursos humanos de empresas. Formalmente, o voluntariado tem espaço no modelo oficial de currículo europeu (Europass), nas avaliações profissionais e em menções acadêmicas.

Se pela via institucional não se percebe reticências em ligar o voluntariado a mais-valias no mercado de trabalho, no discurso dos voluntários a relação é mencionada menos frequentemente. Pelo que observamos por parte deles, a ligação entre o voluntariado e o trabalho remunerado é pouco discutida em eventos ou no dia a dia do desenvolvimento da atividade. Pelo contrário, voluntários que têm claros objetivos profissionais para desempenhar a atividade formam uma subclasse mal vista pelo grupo, diz-se que não são “verdadeiros voluntários”. O julgamento negativo quanto à possibilidade, ou o objetivo, de se ser beneficiado no campo do trabalho por conta da realização de voluntariado resulta do aparente paradoxo estabelecido pelo senso comum: a gratuidade de um e a remuneração obtida por meio do outro, remuneração essa excluída do voluntariado.

Subscrevemos a preocupação apontada por Hustinx et al. (2010b:17) diante da ligação entre a solidariedade, a ajuda, o voluntariado e a presunção de resultados positivos. “While their massive efforts highlight the positive and potent side of volunteering, we ought to focus attention also on its critical side.” Um dos estudos que aponta nesse sentido é o de Simmons e Emanuele (2009). O trabalho indica a utilização do voluntariado como forma de substituir funções pagas em organizações sociais e encontra relação entre o aumento desse expediente e a subida dos salários, questionando os limites de estímulo à atividade.

O voluntariado é aqui entendido como uma atividade não remunerada exercida por vontade própria – não de forma obrigatória – e ao serviço de outros – “podem não ser necessariamente humanos, como animais e o patrimônio; nem individualizáveis, como o planeta, a comunidade ou os países do Terceiro Mundo” (Amaro, 2001:30). Centramo-nos nestas três características (gratuidade, orientação para os outros e vontade própria) por serem as mais transversalmente apontadas como definidoras por diversos autores (Schugurensky e Mündel, 2005; Amaro, 2001; Thoits e Hewitt, 2001), além de terem sido também indicadas como o tripé que sustenta o valor simbólico do voluntariado aos olhos dos voluntários entrevistados nesta pesquisa. A escolha é ainda justificada pelo amplo espectro de trabalhos acadêmicos acerca do voluntariado relacionados a estas três características.

Os três traços mencionados são importantes para definir o voluntariado e distingui-lo de outras atividades com atributos semelhantes – fundamentalmente o trabalho remunerado. A vontade própria separa o voluntariado da servidão, escravidão ou de trabalhos comunitários forçados como sanções ou punições alternativas. A não remuneração é fundamental para diferenciar o voluntariado do trabalho remunerado, com o qual divide diversas características, embora nem sempre simultaneamente. O foco nos outros define que as tarefas desempenhadas no voluntariado têm como objetivo o desenvolvimento coletivo, social (ainda que ligado à economia, como a ajuda na estruturação de negócios) e não individual.

Por suas características, o voluntariado, no entanto, é indicado como sinônimo de solidariedade, sendo mesmo usado em pesquisas para operacionalizar o estudo desse fenômeno. “Volunteer work is ‘a way of dramatizing that one is a good and decent person’”, aponta Wuthnow (1994:241 in Wilson e Musick, 1997b:696).

Essa ligação automática à solidariedade sedimenta a cisão entre o voluntariado que não admite a obtenção e busca de contrapartidas pela realização da atividade, em um considerado “verdadeiro”, “bom”; e outro que comporta essa possibilidade, sendo “falso”, “ruim”. Destacamos, nesse sentido, o trabalho de Rehberg (2005), que se debruça precisamente sobre o paradoxo entre altruísmo e individualismo. O autor usa o termo “altruistic individualists” para explorar a realização do voluntariado com caráter autororientado simultaneamente à orientação para os outros. A análise, no entanto, mantém-se estruturada sobre um panorama de divisão ao considerar a existência de dois tipos de voluntariado. Um “tradicional”, orientado à comunidade; e outro “moderno”, que tem uma perspectiva autororientada, dos “altruistic individualists”. Esse segundo é apontado como uma concepção “moderna” da ajuda social, que liberaliza a orientação para a

construção biográfica e projetos individuais, ou seja, coloca o voluntário como foco da ajuda ao outro. Amaro (2001) também vê divisão entre o voluntariado “tradicional”, realizado com caráter de dever e ligado a uma biografia estável e o “moderno”, que liberaliza a orientação para a construção biográfica e projetos individuais, ou seja, coloca o voluntário como foco da ajuda ao outro.

A oposição entre altruísmo e individualismo é uma organização dualista entendida aqui como uma construção social tendo como referência o entendimento de Corcuff (1995). Ela reflete-se também no discurso dos voluntários – recolhido em trabalhos acadêmicos (por exemplo Delicado, 2002) e na aproximação que buscamos com o cotidiano da atividade –, em que a ajuda ao outro é indicada como central para a realização do voluntariado e encerra em si mesma a recompensa para realizar a atividade. Uma das referências foi feita pelo presidente da Casa do Voluntário da Madeira (estrutura que liga organizações sociais, voluntários e projetos), no Seminário “O Voluntariado nos países do Mediterrâneo – uma identidade cultural”, promovido pelo Centro Nacional para a Promoção do Voluntariado (CNPV). “Digo sempre que os voluntários fazem, na verdade, um trabalho desinteressado interessado porque sentem-se bem e satisfeitos ao fazer.”

A separação do voluntariado que não se adequa aos conceitos previamente estipulados em um “voluntariado menos verdadeiro”, ao nosso ver, esboça uma forma de resguardar o senso de “pureza” da atividade, permitindo que a idealização do voluntariado como sinônimo de bondade possa manter-se a despeito da prática. Verifica-se, com essa separação entre os valores auto e sociorientados, uma tendência de senso comum em dividir o que seria a realização de um voluntariado “real” de um “falso”, ou um “bom” de um “mau”, sendo naturalmente negativo o que está ligado a benefícios próprios.

De acordo com essa visão seccionista, a motivação sociorientada seria inconsistente com a existência, em si mesma, do objetivo (ainda que não consciente) do benefício próprio, por exemplo, de autovalorização ou reconhecimento social. Para evitar esse caminho, nos orientamos por Chaves (2007:311) que, ao analisar os valores sociorientados no trabalho remunerado esclarece, com base na teoria bourdiana, que disposições sociorientadas rentabilizam o indivíduo nos contextos em que são reconhecidas.

“...na medida em que as práticas sociorientadas e “desinteressadas” se convertem em capital simbólico nos campos sociais em que esse “desinteresse” é um valor em jogo, e em que, nessa medida, os agentes obtêm valorização simbólica pelo facto de as cometerem, somos obrigados a assumir que o investimento altruístico é uma orientação de natureza disposicional, à partida, (ou seja, enquanto hipótese) tão crível como qualquer outra.”

Segundo Bourdieu (1997), o valor social do desinteresse ancora-se no reconhecimento e no compartilhamento das regras e da racionalidade que envolvem a prática desinteressada. O reconhecimento, o estímulo e a recompensa às condutas desempenhadas mostra que elas têm valor atribuído e permite a aquisição de capitais simbólicos em função da sua realização. Dessa forma, pelo desempenho de atividades ligadas à solidariedade, que é considerada automaticamente virtude, adquire-se valorização social em diferentes contextos, precisamente os que valorizam essas atitudes. Pela relação estabelecida do voluntariado com os “valores em jogo”, é gerado um interesse na virtude ou desinteresse interessado.

Mantendo em nosso horizonte de análise a definição de determinados conceitos como antagônicos a priori, comprometeríamos a pesquisa e ignoraríamos a indicação dos voluntários de que há individualismo no altruísmo. Seguindo a interpretação polarizada, uma motivação sociorientada seria inconsistente com a existência, em si mesma, do objetivo do benefício próprio, por exemplo, de autovalorização ou reconhecimento social. Essa interpretação parece manter resguardado o “desinteresse” do voluntariado. À medida que percebemos que as orientações pessoais podem ser parte do próprio altruísmo do voluntariado, por outro lado, abrimos caminho para compreender a atividade de uma forma mais complexa, menos carregada de prejulgamentos. Por tratarmos aqui de uma abordagem que relaciona o voluntariado com o trabalho remunerado, esse direcionamento é um facilitador da análise.

3. Voluntariado e trabalho remunerado

O voluntariado tem diversos pontos de aproximação com o trabalho remunerado que é importante situar. Sua própria concepção, segundo Amaro (2001), decorre da relação assalariada. O voluntariado passa a ser socialmente reconhecido com a institucionalização do salário e em oposição à remuneração: em decorrência da disseminação do trabalho remunerado foi possível distinguir um segundo tipo de ocupação – que não previa remuneração direta –, o voluntariado. Antes do capitalismo industrial, diz o autor, atividades não remuneradas circunscreviam-se a outras lógicas de entreajuda como o trabalho familiar ou a escravidão.

Verificamos em comum entre as duas atividades a realização de tarefas específicas, o horário regular de trabalho, a organização hierárquica, as regras, a busca por aprendizagem, a prestação de um serviço ou a produção (Schugurensky e Mündel, 2005)². Há ainda uma lógica semelhante entre os dois tipos de trabalho – detectada principalmente por estudos da área econômica. O acesso a ambas as atividades é facilitado pela participação em redes sociais e pode se dar por meio de processos seletivos que buscam profissionais com conhecimentos específicos para as funções. Tanto no voluntariado quanto no trabalho remunerado ocorre o investimento em uma carreira, segundo Bussel e Forbes (2002:247)³. Também fatores comuns contam para a percepção de satisfação nas duas atividades: o significado atribuído à atividade, a afinidade com as tarefas desempenhadas e a sensação de não estar sendo comandado por pressões externas (Millette e Gagné, 2008:18).

Gill (1999) sustenta que a “instituição” trabalho serve atualmente funções que em sociedades pré-industriais eram definidas em outras áreas da vida como a estruturação do tempo, o desenvolvimento de atividades sociais menos emocionais que as ligadas à vida em família, o senso de participação em um propósito coletivo, o acesso à identidade de empregado e o bem-estar psicológico de ser requerido para uma função regular.

O significado do trabalho na vida dos indivíduos, segundo Loscocco e Kalleberg (1988:339), é definido por sua centralidade (a importância do trabalho para a identidade) e os valores do trabalho (que representam as funções que o trabalho preenche na vida do agente ou as contrapartidas obtidas por meio dele além da remuneração). Segundo os autores, também as atividades além do trabalho influenciam nestes aspectos. “The constraints and opportunities represented by nonwork social roles (eg., family relations) also influence the meaning a person attaches to the work activity (idem)”.

A proximidade entre as duas atividades, conforme demonstramos, contribui para a compreensão da complementaridade entre os dois tipos de trabalho também no caso das aspirações. Inserido em uma pesquisa mais ampla (desenvolvida como dissertação de mestrado), centrada nas motivações para a realização do voluntariado e na identificação das formas que o voluntariado se relaciona ao trabalho remunerado, tanto trazendo benefícios quanto prejuízos à atividade remunerada, detectamos diversas influências de uma atividade na outra. Entre as relações existentes entre as duas atividades, está a complementaridade de aspirações.

4. Metodologia

A pesquisa foi realizada com base no levantamento quantitativo sobre a realização de voluntariado em uma população de licenciados há cinco anos em duas universidades públicas de Lisboa. As informações foram captadas por meio do inquérito “Percursos de inserção dos licenciados: relações objectivas e subjectivas com o trabalho” que levantou informações sobre a trajetória profissional de licenciados no ano letivo 2004/2005 da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa. No âmbito do projeto de pesquisa conjunto (Projeto FCT – PTDC/CS-SOC/104744/2008), o inquérito captou informações sobre percurso profissional, relações subjetivas com o trabalho remunerado e a realização de voluntariado e suas motivações.

O universo de inquirição, segundo as universidades, totalizou 4.290 indivíduos diplomados de 1º ciclo. Destes, uma amostra de 1.004 alunos foi inquirida por meio do método da amostragem aleatória sem reposição, tendo como objetivo garantir a representatividade estatística (com uma margem de erro máxima

de 5% para um intervalo de confiança de 95%). O erro amostral aumenta no momento em que consideramos segmentações como as áreas de formação dos entrevistados, o que demanda cuidado na análise.

A recolha dos dados ocorreu via telefone entre 25 de Novembro de 2010 e 25 Janeiro de 2011, com o pré-teste de 90 questionários nos primeiros três dias. Os dados do inquérito foram explorados por meio de análises uni e bivariada em que foi verificada a distribuição do voluntariado na população inquirida como um todo e especificamente por áreas de formação científica. Com o objetivo de compreender a relação entre o voluntariado de forma aprofundada, foram realizadas entrevistas aprofundadas com oito voluntários de diferentes áreas académicas. De "Saúde", "Educação", "Economia e gestão", "Ciências sociais e jornalismo", "Artes e Humanidades" e "Ciências da vida" entrevistamos um licenciado. De "Engenharia, indústrias transformadoras e construção" entrevistamos dois, sendo um aspirante ao voluntariado – o que detalhamos em seguida.

5. Resultados e análise

Quadro1 - Realização de voluntariado na população

	Freq.	%
Sim	440	43,8
Não	561	55,9
Ns/Nr	3	0,3
Total	1004	100,0

Fonte: Inquérito aos licenciados da UL e UNL
– ano letivo 2004/2005, 1º ciclo

O voluntariado detectado foi o assim considerado pelos próprios licenciados, não tendo sido parametrizado o conceito nas perguntas contidas no questionário. A caracterização da amostra em relação à participação no voluntariado considera a efetiva realização da atividade e a intenção de desenvolvê-la. O número de licenciados que declarou ter realizado ou estar a exercer voluntariado alcançou 44% da população (Quadro 1). Dos 56% que reportaram jamais terem feito, 48% informaram ter intenção de exercer voluntariado (Quadro 2). Desta forma, conclui-se que os licenciados que declararam fazer ou pretender fazer voluntariado superam 70% da amostra, o que permite considerar o voluntariado uma atividade reconhecida e realizada pela população estudada de forma transversal.

Quadro2 - Intenção de realização de voluntariado na população

	Freq.	%
Sim	270	48,1
Não	212	37,8
Ns/Nr	79	14,1
Total	561	100,0

Fonte: Inquérito aos licenciados da UL e UNL
– ano letivo 2004/2005, 1º ciclo

A distribuição dos voluntários respondentes ao inquérito segundo as áreas científicas indicia uma menor participação no voluntariado por parte dos licenciados nas áreas de “Saúde” (37,5%), “Engenharia, indústrias transformadoras e construção” (28,6%), “Matemática, estatística e informática (36,9%) e Ciências Físicas (38,3%) como demonstra o Quadro 3. Ambas se posicionam abaixo da média geral de participação no voluntariado, que é de 43,8%. A maior adesão proporcional ocorre na área de “Ciências da vida” e “Ciências sociais e jornalismo”, em que 64% e 53,2% realizaram voluntariado, respectivamente. Considerando o grupo “aspirantes ao voluntariado”, vemos no Quadro 4, que “Saúde” é novamente a área em que o interesse na realização de voluntariado parece ser mais reduzido: um total de 34,2% dos licenciados na área que não tinham experiências prévias de voluntariado responderam afirmativamente quanto à intenção de realizar

voluntariado, um volume consideravelmente menor que o da média da população, que alcançou 48,1%. As áreas de “Engenharia, indústrias transformadoras e construção”, “Artes e Humanidades” e “Ciências da vida” merecem destaque pela dimensão acima da média geral quanto ao interesse declarado no voluntariado, uma vez que este é manifestado por 61,8%, 60,2% e 58,1% dos licenciados, respectivamente.

Quadro 3. Realização de voluntariado por área de formação acadêmica

	Sim		Não		Não sabe/Não responde	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educação	40,0	40,0	60,0	60,0	0,0	0,0
Artes e humanidades	92,0	42,8	123,0	57,2	0,0	0,0
Ciências sociais e jornalismo	41,0	53,2	36,0	46,8	0,0	0,0
Economia e gestão	32,0	47,8	35,0	52,2	0,0	0,0
Direito	48,0	49,5	49,0	50,5	0,0	0,0
Ciências da vida	55,0	64,0	31,0	36,0	0,0	0,0
Ciências físicas	46,0	38,3	74,0	61,7	0,0	0,0
Matemática, estatística e informática	24,0	36,9	40,0	61,5	1,0	1,5
Engenharia, indústrias transformadoras e construção	14,0	28,6	34,0	69,4	1,0	2,0
Saúde	48,0	37,5	79,0	61,7	1,0	0,8
Total	440,0	43,8	561,0	55,9	3,0	0,3

Fonte: Inquérito aos licenciados da UL e UNL – ano letivo 2004/2005, 1º ciclos

A proporção da adesão ao voluntariado entre os licenciados na área de “Saúde” e “Educação” - nesta última área de formação acadêmica também se observa adesão e intenção de adesão ligeiramente abaixo da média – surpreendeu por contrariar a revisão de literatura (Delicado, 2002)⁴, e eventualmente as próprias pré-noções que geralmente transportamos acerca destas matérias.

A hipótese que entrevemos, informada pelas entrevistas aos voluntários, permite, contudo, avançar na explicação deste aparente paradoxo. Com efeito, defendemos que se verifica uma espécie de “efeito de complementaridade” entre as orientações para a prática do voluntariado e as características da profissão exercida. Para os inquiridos nessas duas áreas – com destaque para a de saúde –, a “orientação para a ajuda ao outro” tende a manter-se centrada na profissão, uma vez que esta propicia um sentimento de “dever social cumprido” que atenua a disposição para se desenvolver atividades de forma gratuita já que a exercida a título remunerado permite atingir um objetivo semelhante.

A entrevistada da área da educação, por exemplo, pontuou a escolha da profissão como um demonstrativo da sua preocupação social e da “vontade de construir um mundo melhor”. Por outro lado, licenciados em outras áreas fizeram referências a profissionais de medicina e enfermagem como uma espécie de “voluntários pagos”, no sentido em que desenvolvem uma profissão orientada para a “ajuda social”. A medicina foi aludida como hierarquicamente superior a outras profissões também por parte dos diplomados em outras áreas por aliar a ajuda aos outros a (altos) rendimentos.

O raciocínio não pode ser estendido a outras áreas de forma automática, já que detectamos a tendência esperada de coincidência entre aspirações profissionais e pessoais em outros grupos. É o que nos indica a baixa participação no voluntariado por parte dos licenciados na área de “Engenharia, indústrias transformadoras e construção”, grupo em que também se verifica uma alta intencionalidade de realização de voluntariado.

Quadro 4 - Intenção de realização de voluntariado por área de formação académica

	Sim		Não		Não sabe/Não responde	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Educação	27	45,0	24	40,0	9	15,0
Artes e humanidades	74	60,2	35	28,5	14	11,4
Ciências sociais e jornalismo	18	50,0	14	38,9	4	11,1
Economia e gestão	19	54,3	11	31,4	5	14,3
Direito	19	38,8	20	40,8	10	20,4
Ciências da vida	18	58,1	11	35,5	2	6,5
Ciências físicas	28	37,8	29	39,2	17	23,0
Matemática, estatística e informática	19	47,5	17	42,5	4	10,0
Engenharia, industriais transformadoras e construção	21	61,8	10	29,4	3	8,8
Saúde	27	34,2	41	51,9	11	13,9
Total	270	48,1	212	37,8	79	14,1

Fonte: Inquérito aos licenciados da UL e UNL – ano letivo 2004/2005, 1º ciclo

Nas entrevistas, a conceitualização do voluntariado baseou-se na já mencionada cisão da atividade em dois segmentos. Trata-se por "voluntariado puro" o que não busca reconhecimento público pela realização da atividade e reconhece como ganho o sorriso, o "ajudar por ajudar". O "outro" voluntariado é o que busca contrapartidas, é realizado com o propósito de obter benefícios, segundo as indicações dadas nas entrevistas. Entre os voluntários que condenam a obtenção de retribuições por conta do voluntariado, é central o que se pretende ganhar com a atividade mais do que o que se ganha efetivamente. Por outro lado, um certo grau de pureza da atividade é preservado quando o voluntário consegue justificar as contrapartidas recebidas como secundárias e mantém como norte da realização do voluntariado a ajuda a outras pessoas, a defesa de uma causa.

Essa separação entre os tipos de voluntariado nos ajuda a compreender a distribuição da atividade entre as áreas de formação. Sendo a busca de contrapartidas uma característica divisora dos "tipos de voluntariado", passa-se para segundo plano a importância da atividade concreta na definição da atividade. Assim, a definição de "qual voluntariado" se realiza ou mesmo a consideração de uma atividade como voluntariado é orientada pelo sentido de ajuda percebido na atividade. Esse entendimento produz o complexo resultado de instalar a remuneração como um atributo secundário na definição do que é voluntariado, contanto que tenham sido cumpridos outros – especialmente a não objetivação do recebimento de contrapartidas. Ao mesmo tempo, indica a distinção do voluntário não pelo desapego, mas pela possibilidade de ajudar.

Entre os grupos profissionais identificados com os “voluntários pagos” estão os da área da saúde, social ou que coordenam equipes de voluntários, ou seja, um campo de atuação que é dividido entre trabalhadores pagos e não pagos e não muito bem compreendido.

Com base nas entrevistas realizadas, em que nos direcionamos a identificar relações entre o voluntariado e o trabalho remunerado, verificamos que o trabalho remunerado é origem de algumas motivações para o voluntariado, não sendo, no entanto, para aí orientada, de forma dominante, a realização do voluntariado. A atividade é mobilizada como recurso para completar ou compensar certas aspirações não alcançadas por meio da atuação remunerada. Assim, o voluntariado é desempenhado de forma relacionada à carreira (ainda que por vezes com alguma insatisfação ligada a ela), mas a orientação é a satisfação pessoal ou profissional.

Dessa forma, o trabalho remunerado pode, como consequência, desenvolver-se e ser capitalizado pela realização do voluntariado, mas o objetivo é alcançar aspectos que procuraremos elencar de seguida.

O voluntariado é, para alguns voluntários, uma forma de trabalhar por resultados sociais diferentes dos que entendem estar a desenvolver na atividade remunerada ou como uma forma de potenciar esses que já se entende estar realizando. Esta função de complementaridade é evocada quando o exercício de funções – especialmente quando são vistas apenas como voltadas à produção de produtos, potencialização de lucros e busca de resultados para a empresa em que trabalham – é compreendido como individualista, desumanizado e materialista, distante de preocupações sociais, ou quando a intervenção sobre elas é vista como insuficiente. O voluntariado, assim, é uma forma de potencializar a considerada insuficiente orientação para terceiros, de ajuda a outras pessoas percebida no trabalho.

Parece-nos central aqui destacar ainda a indicação dos voluntários quanto à existência de constrangimentos – referidamente económicos – à possibilidade de exercer uma atividade que ajuda as pessoas. Percebe-se, com isso, uma leitura do voluntariado como forma de desenvolver ações por vezes não condizentes com o trabalho remunerado – com o seu ou um outro bem pago – e as quais têm interesse em realizar. Assim, o voluntariado se alinha com a função de complementaridade de aspirações pessoais e do trabalho. Essa forma de mobilização do voluntariado ajusta-se aos valores do trabalho detectados por Steyn e Kotzé (2004), principalmente em sociedades industrializadas. O trabalho torna-se uma forma de alcançar autonomia e aspirações relativas à vida em geral, não apenas no campo profissional.

Os voluntários nos quais detectamos articulação entre aspirações profissionais e as realizadas por meio do voluntariado não necessariamente declaram-se ou indicam estar insatisfeitos com o trabalho remunerado como um todo. Embora alguns manifestadamente estejam, outros declaram-se realizados profissionalmente. Em todos eles, a profissão, no entanto, é julgada distante ou insuficiente em contemplar totalmente as expectativas em relação a determinados valores subjetivos, sendo a ajuda o mais comum. No entanto, busca-se a complementaridade também com outras perspectivas. Detectamos que, em algumas trajetórias, o voluntariado pode concorrer para potencializar as orientações ligadas à autonomia e à ação social na esfera profissional.

Notamos estar, por vezes, estabelecida uma bem demarcada divisão entre funções instrumentais e subjetivas na vida em geral, ficando as primeiras a cargo do trabalho remunerado e as segundas, por exemplo, do voluntário. Assim, ficam circunscritas à órbita do trabalho remunerado as motivações instrumentais, mais ligadas à esfera económica (Snir, 2002). Esta divisão funcional foi observada mais claramente entre os licenciados que desenvolvem ocupações voltadas à produção de bens (por exemplo a engenharia e a geologia).

Em alguns casos, verificamos que a separação se revela acertada, havendo avaliação de correspondência dos espaços de ajuda e de desenvolvimento financeiro às expectativas dos voluntários. Ou seja, a profissão concentra os objetivos financeiros que, alcançados, geram satisfação com a ocupação. A orientação de ajuda, por outro lado – mesmo que declarada como central ou, em alguma altura da trajetória, ter orientado a busca da profissão –, passa a uma posição secundária em relação ao trabalho, condicionada aos tempos livres e ao atendimento de outras expectativas – fica a cargo do voluntariado.

Uma das entrevistadas, engenheira aspirante à voluntária, deixou clara a divisão entre a orientação instrumental para o trabalho e as aspirações que pretendia alcançar por meio do voluntariado. Ela vincula a centralidade dos objetivos instrumentais em sua vida às situações socioeconómicas difíceis que enfrentou durante a faculdade e a infância. Relata satisfação com a profissão, que permite alcançar seus objetivos principais de vida: comprar seu carro, sua casa e proporcionar ao filho condições financeiras melhores que as suas. Por outro lado, manifesta intenção de se voluntariar porque considera insuficiente o cariz de ajuda na sua profissão.

“Para outros pode chegar o fato de estar em uma empresa de telecomunicações e tornar a internet mais rápida, com menos falhas, que é o que faço. Posso dizer que estou a contribuir para muitas mães e filhos se verem e falarem sem cortes nem falhas, o que há dez anos não era possível. Mas preciso de fazer mais, se calhar, outras pessoas que têm o meu trabalho não precisam.”

(Aspirante à voluntário. Área de formação “Engenharia, indústrias transformadoras e construção”, licenciado em Engenharia Eletrotécnica e Computadores, UL, sexo feminino.)

Há casos, no entanto, em que divisão deixa de ser conveniente e as aspirações subjetivas “invadem” o campo do trabalho, havendo insatisfação com a ocupação desempenhada. A falta de orientação da profissão para a ajuda, combinada com o sentimento de contribuição para a desigualdade no mundo é declarada como fonte de insatisfação com a profissão a ponto de haver perspectiva de abandono da área – ou seja, não se explica a insatisfação apenas com base na ajuda. Observa-se a coexistência, em um mesmo indivíduo e segundo sua interpretação, da pretensa causa dos problemas sociais sobre os quais o voluntariado se debruça – compartilhando o discurso de que sua atividade profissional os produz – e uma pretendida solução.

A centralidade da autonomia financeira é fundamental na justificativa de manutenção da posição profissional alcançada. O voluntariado passa a representar uma alternativa, porém utópica, não concretizável em termos financeiros, para o alcance das aspirações pessoais. A busca de uma alternativa intermediária como a mudança de área ou de função não é cogitada. Assim, o emprego atual não satisfaz, mas concretiza-se como única alternativa viável.

Entrevistador: Em termos profissionais, percebe que o voluntariado pode ter-lhe feito uma profissional melhor? Há algum intercâmbio nesse sentido? Entrevistada: Afasta-me cada vez mais da minha profissão. Sinto que é o oposto. Que todos os dias trabalho, só olho números, ganhar dinheiro, maximizar, sacar o máximo às pessoas. E no voluntariado é exatamente o oposto (...) Sei que trabalho e me pagam para isso, mas não sei se quero ser paga e fazer isso toda vida porque sinto que estou mesmo a sugar as pessoas e os que são mais sugados são aqueles que menos podem. Isso é minha atividade, tenho de continuar a fazer, mas não me faz sentir realizada e mesmo bem.

(Voluntário. Área de formação “Economia e gestão”, licenciado em economia, UNL, sexo feminino.)

Verificamos também que o voluntariado pode tornar-se uma forma de conciliar uma estrutura de trabalho alternativa à tradicional, desempenhando a profissão de forma menos exigente, mais criativa, mais lúdica e atendendo a um público que de outra forma não teria o serviço. Assim, o voluntariado configura-se como uma forma de desenvolver a profissão com mais autonomia e criatividade, uma indicação principalmente identificada nas áreas orientadas para terceiros (caso da medicina e da educação). Essa relação estabelecida entre os trabalhos remunerado e voluntário objetiva usar o conhecimento profissional de forma mais satisfatória em termos pessoais e alcançar resultados individuais.

Essa complementaridade entre o voluntariado e o trabalho remunerado fica clara no depoimento de uma médica, que tem sua atuação profissional potencializada e a satisfação com a profissão aumentada pelo voluntariado e a autonomia com que ele lhe permite exercer a profissão. Dedicada ao antidoping como voluntária em eventos desportivos, ela fez uma pós-graduação em medicina desportiva para atender aos requisitos da Federação Mundial. Recebeu convites para atuar na área profissionalmente, mas os recusou por querer manter seus tempos livres para se dedicar à família e poder exercer a profissão em um ambiente descontraído e junto aos filhos e ao marido, o que ocorre nos eventos esportivos em que participa como voluntária.

“No campeonato de BTT foi muito giro. O João já tinha 3 anos, estava a ver eu a tratar as pessoas e veio ter comigo: 'eu também quero ser doutor'. Eu punha-lhe a luva, era tipo um dedo, pegava a compressa com betadeno e ele punha-se a por nos joelhos, ele num e eu noutro. Os estrangeiros, os atletas, os campeões riam-se, e ele todo contente lá a limpar. As coisas que num hospital não acontece, só num lugar desses é que a gente consegue.”

(Voluntário. Área de formação “Saúde”, licenciado em medicina, UNL, sexo feminino.)

Por outro lado, por desenvolver o voluntariado na área da profissão, a mesma médica planeia realizar consultas em medicina desportiva quando começar a atuar em um centro de saúde, futuramente. Ou seja, percebe o recurso criado pelo voluntariado para sua profissão e quer manter-se desenvolvendo-a com a autonomia que o voluntariado permite. Verificamos, assim, que o voluntariado, ainda que realizado com o objetivo de complementar aspirações profissionais, pode trazer benefícios no campo profissional, o que se

torna mais evidente para os licenciados que realizam o voluntariado na área em que trabalham. Neste caso, ativa-se quase que automaticamente um mecanismo de valorização profissional que chamamos de valorização recíproca. Esta atribuição tem lugar quando o voluntário utiliza a profissão como recurso para atuar em uma realidade diferente ou atuar de uma forma diferente, de maneira proposta por ele, na mesma realidade. Identificamos, nesse caso, uma certa apropriação “pessoal” da profissão em busca de autonomia e desenvolvimento (pessoal e profissional), a partir do desempenho de uma atuação na esfera pretensamente individual, mas que integra-se à trajetória profissional. O exercício do voluntariado publicita maior dedicação à área profissional; interesse e busca por aprendizagem; investimento no desenvolvimento técnico, profissional e pessoal; conhecimento diversificado da área de atuação e abertura da profissão a outras formas de atuar. Com essa reciprocidade, observamos que a realização de voluntariado voltado ao alcance de aspirações profissionais ligadas à autonomia gera benefícios profissionais.

6. Conclusão

Desta forma, a carreira é beneficiada pela obtenção de conhecimento para desempenhar outras funções na área, aumento da rede de contatos, elevação do nível técnico do currículo, mais autonomia e confiança, ou seja, pela diversificação na prática da atuação. Esta relação entre as duas atividades fica à mostra no voluntariado feito pela médica que acabamos de analisar.

Por meio de entrevistas aprofundadas que buscaram identificar as relações, verificamos que o voluntariado pode se constituir como uma forma de compensar ou completar aspirações pessoais ou profissionais não alcançadas por meio do trabalho remunerado ou potenciar as obtidas. Aqui destaca-se, de um lado, o voluntariado como forma de ajuda social, uma função que alguns profissionais não veem como possível de ser realizada na profissão; e de outro, como uma maneira de desempenhar a profissão com mais autonomia e criatividade.

7. Bibliografia

AMARO, Rogério Roque (coord.); QUINTELA, Ana, (2001). *O voluntariado nos projetos de luta contra a pobreza*. Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários.

BOURDIEU, Pierre (1997). *Razões práticas sobre a teoria da acção*. Celta: Oeiras.

BUSSELL, Helen e FORBES, Deborah (2002). Understanding the volunteer market: The what, where, who and why of volunteering in *International Journal of Non profit and Voluntary Sector Marketing*, Vol. 7 No. 3, 2002, pp. 244–257.

CHAVES, Miguel (2007). *Jovens Advogados de Lisboa: uma inserção profissional dispar*. Tese de doutoramento FCSH/UNL.

CORCUFF, Philippe (1995). *Les Nouvelles Sociologies*. Nathan: Paris.

CUNHA, Simone C. da (2011). *Voluntariado para o mercado de trabalho: o valor da experiência profissional*. Tese de mestrado FCSH/UNL.

DELICADO, Ana (responsável) (2002), “Caracterização do voluntariado em Portugal”. Comissão Nacional para o ano internacional dos voluntários. ICS. Lisboa.

GILL, Flora (1999). The meaning of work: lessons from sociology, psychology and political theory in *Journal of socio-economics*, 28 (1999) pp. 723-743.

HUSTINX, Lesley; Handy, Femida; Cnaan, Ram A.; Brudney, Jeffrey L.; Birgitta Pessi, Anne e Yamauchi, Naoto (2010a). Social and Cultural Origins of Motivations to Volunteer: A Comparison of University Students in Six Countries in *International Sociology*, May 2010, 25, pp. 349-382.

- HUSTINX, Lesley; Cnaan, Ram A. e Handy, Femida (2010b). Navigating Theories of Volunteering: A Hybrid Map for a Complex Phenomenon in *Journal for the Theory of Social Behaviour*. Volume 40, Issue 4, December 2010, pp. 410–434.
- LOSCOCCO, Karin e KALLEBERG, Arne (1988). Age and the meaning of work in the United States and Japan in *Social Forces* 67:2, 1998 (December) pp.337-356.
- MILLETTE, Valérie e GAGNE, Marylène (2008). Designing volunteers' tasks to maximize motivation, satisfaction and performance: The impact of job characteristics on volunteer engagement. *Motiv Emot* 32, pp. 11–22.
- REHBERG, Walter (2005). Altruistic Individualists: Motivations for International Volunteering Among Young Adults in Switzerland in *International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, Vol. 16, No. 2, June 2005.
- SIMMONS, Walter O. e EMANUELE, Rosemarie (2009). Are volunteers substitute for paid labor in nonprofit organizations? *Journal of Economic and Business* 62 (2010), pp. 65-77. Elsevier.
- SCHUGURENSKY, Daniel e Mundel, Karsten (2005). Volunteer work and learning: hidden dimensions of labor force training in *International Handbook of Educational Policy*, pp. 977-1022. Reino Unido: Springer.
- STEYN, Carly e KOTZÉ, Hennie (2004). Work values and transformation: the South African case, 1990-2001 in *Society in transformation*, 2004, 35.
- SNIR, Raphael e Harpaz, Itshak (2002). Work-Leisure relations: leisure orientation and the meaning of work in *Journal of Leisure Research* vol. 34 no. 2 pp. 178-203.
- THOITS, Peggy A. e HEWITT, Lyndi N. (2001). Volunteering Work and Well-Being in *Journal of health and social behaviour*, 2001, vol 42, June, pp.115-131. American Sociological Association.
- WILSON, John e Musick, Marc (1997a). Work and volunteering: the long arm of the job in *Social Forces*, 1997, 76(1), September, pp. 251-272.

Documentos na internet

Conselho Europeu (27 de Novembro de 2009). (2010/37/CE). Jornal Oficial da União Europeia, de 22.1.2010. Recuperado em 02 de maio, 2012, de <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2010:017:0043:0049:PT:PDF>.

8. Notas

¹Características comumente ligadas ao voluntariado, por exemplo na Decisão do Conselho Europeu de 27 de Novembro de 2009 relativa ao Ano Europeu das Actividades de Voluntariado que Promovam uma Cidadania Activa; Rehberg (2005); Thoits e Hewitt (2001), Amaro (2001).

²As características comuns nas duas atividades foram apontadas também nas entrevistas realizadas com voluntários.

³As autoras destacam que, no voluntariado, a carreira é direccionada à busca de experiências, conhecimento e expressão de capacidades adquiridas.

⁴Segundo a autora, entre os traços mais comuns na realização de voluntariado estão “o exercício de uma profissão vocacionada aos outros” (ou seja, a atuação em áreas voltadas ao serviço a terceiros, e não à produção de bens e mercadorias). Portanto, esperávamos encontrar nas áreas de “Saúde” e “Educação” uma maior participação no voluntariado.